



VIII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

40 anos de democracias: progressos, contradições e prospetivas

ÁREA TEMÁTICA: Crenças e religiosidades [AT]

JOVENS UNIVERSITÁRIOS E PERTENCIMENTO RELIGIOSO: CONCILIANDO RELIGIÃO E LAICIDADE!

SILVA, Claudia Neves da
Doutora em História
Universidade Estadual de Londrina
claudianeves@sercomtel.com.br

LANZA, Fábio
Doutor em Sociologia
Universidade Estadual de Londrina
lanza1975@gmail.com

Resumo

Para investigar o fenômeno religioso a partir de uma perspectiva sócio-histórica é necessário que se vá além dos limites da descrição do fenômeno. É fundamental que se compreenda o contexto social, cultural, político e econômico em que ele se manifesta. Tendo como premissa esta ideia, decidimos por delimitar nosso estudo a partir do período em que se intensificou o processo de urbanização, não por acaso, período em que surgem e crescem os movimentos e as igrejas evangélicas pentecostais que se espalharam por todo o Brasil. E as universidades não ficaram imunes ao crescimento dessas manifestações. Assim, nos interessamos por conhecer como se dá o crescimento de manifestações religiosas entre os estudantes da Universidade Estadual de Londrina, localizada em uma cidade no sul do Brasil. A partir de observações de celebrações religiosas e entrevistas com jovens universitários, foi possível uma melhor compreensão das motivações que os levam a participarem de igrejas fundamentadas na emoção e na subjetividade. Apesar de termos realizado nossos estudos em uma universidade pública localizada em um município de médio porte, acreditamos que a realidade não se diferencia nas demais universidades espalhadas por centenas de municípios brasileiros, tendo em vista que o crescimento de homens e mulheres que se declaram membros de uma igreja ocorre em todo o país, com repercussão em todos os setores da sociedade.

Abstract

To investigate the religious phenomenon from a socio- historical perspective is necessary to go beyond the description of the phenomenon. It is essential to understand the social, economic, cultural context, political and in which it manifests. We decided to delimit our study from the period in which intensified the process of urbanization. And universities are not immune to the growth of these manifestations. Therefore, we care to know how is the growth of religious expression among students at the State University of Londrina, a city located in southern Brazil. From observations of religious celebrations and interviews with university students, it was possible a better understanding of the motivations that lead them to participate in churches based on emotion. Although we have performed our studies in a public university located in a medium-sized municipality, we believe that reality is not different in other universities scattered across hundreds of municipalities, given that the growth of men and women who claim to be members of a church occurs throughout the country, with repercussions on all society.

Palavras-chave: Jovens; Religião; Pertencimento religioso; Universidade

Keywords: Young; Religion; Religious belonging; University

1. A religiosidade dos estudantes do curso de serviço social de uma universidade pública: entre a laicidade e a féⁱ

1.1 Primeira aproximação

Para investigar o fenômeno religioso a partir de uma perspectiva sócio-histórica é necessário que se vá além dos limites da descrição do fenômeno. É fundamental que se compreenda o contexto social, cultural, político e econômico em que ele se manifesta. Tendo por base esta premissa, decidimos por estudar a religião no Brasil, mas como desde o período colonial a religião molda nossa identidadeⁱⁱ, delimitamos o período em que se intensificou o processo de urbanização no Brasil, não por acaso, período em que surgem os movimentos e as igrejas evangélicas pentecostais e se espalham por todo o país.

As igrejas que surgiram na esteira da industrialização e da urbanização enfatizavam as questões vivenciadas no presente e não mais na promessa de um “paraíso em outra vida”, trazendo para si a responsabilidade de readequar e renovar valores como, amizade, empatia e solidariedade com homens e mulheres em precárias condições materiais de sobrevivência, excluídos do acesso aos bens e serviços sociais, como educação, saúde, habitação.

O crescimento de igrejas e movimentos pentecostais e carismáticos, levou homens, mulheres, jovens e adolescentes de diversos segmentos sociais a participarem destas manifestações fundamentadas na emoção e na subjetividade. Conforme estudos divulgados pela Fundação Getúlio Vargas, a queda do catolicismo chegou a 68.4% em 2009; enquanto que os evangélicos, tanto os tradicionais como os pentecostais, registraram um crescimento de 20.2% nessa década (FGV, Novo Mapa das Religiões, 2011, pp. 7-8).

Apesar de termos realizado nossos estudos em uma universidade pública localizada em um município de médio porte - Londrina, Estado do Paraná - acreditamos que a realidade não se diferencia nos demais cursos espalhados por centenas de municípios brasileiros, seja ele de pequeno, médio ou grande porte, tendo em vista que o crescimento de homens e mulheres que se declaram membros de uma igreja ocorre em todo o país, com repercussão em todos os setores. A título de exemplo, citamos dois fatos que tiveram ampla repercussão – a campanha para Presidente da República em 2010, e a nomeação de um pastor para a Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputadosⁱⁱⁱ.

Como técnica de coleta de dados, aplicamos um questionário aos estudantes que ingressaram no período de 2006 a 2009, nas oito turmas do curso de Serviço Social, totalizando 241 questionários respondidos. Aos discentes que iniciaram o curso em 2009, foi aplicado novamente o questionário em 2012, quando estes se encontravam na última série, com a finalidade de fazer uma análise comparativa dos dados da referida turma da primeira à quarta série. Deste modo, o universo desta pesquisa foi composto por 291 questionários respondidos.

O curso de Serviço Social da Universidade é anual, sendo 4 (quatro) turmas no matutino e 4 (quatro) turmas no noturno.

Também utilizamos como instrumento de coleta de dados o levantamento do perfil do estudante ingressante no curso de Serviço Social entre os anos de 2006 e 2009, realizados pela Pró-Reitoria de Planejamento da Universidade Estadual de Londrina (PROPLAN).

1.2 As transformações econômicas e sociais e o aumento das expressões religiosas no Brasil

De acordo com Maricato (2000), o processo de urbanização no Brasil começou a se consolidar a partir da virada do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, impulsionado pela emergência do trabalhador livre, pela Proclamação da República e por uma indústria que se desenvolvia vinculada as atividades ligadas à cafeicultura e às necessidades básicas do mercado interno (Maricato, 2000).

As décadas de 1950 e 1960 foram marcadas por um intenso processo de industrialização e urbanização, com a consequente diversificação da economia, visto que a indústria automobilística abriu campo para outros setores, como refinaria de petróleo, química, borracha, autopeças. O salário dos operários das indústrias

creceu, aumentando o consumo e favorecendo outras indústrias. As multinacionais também ocuparam novos espaços, como a indústria de fertilizantes e laboratórios de remédios^{iv}.

A política desenvolvimentista adotada pelos governos Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek trouxe mudanças para a classe trabalhadora nos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, onde se concentrou o esforço de industrialização. Todavia, o crescimento industrial não se estendeu para todo o País. O Nordeste, região mais pobre do Brasil, sofreu com duas secas e uma enchente nos anos de 1950. Milhares de homens, mulheres, idosos, crianças, adolescentes migraram para as regiões Sul e Sudeste, principalmente São Paulo, à procura de trabalho (Silva, 2008).

Durante o decorrer da década de 1970, com reflexos na década de 1980, deteriorou-se ainda mais a situação dos trabalhadores, apesar de o Brasil estar vivendo o período do chamado "milagre econômico" (1968 - 1973) quando se registraram altas taxas de crescimento, com programas de investimentos do Estado na economia e aumento dos investimentos estrangeiros, ocasionando aumento da produção, das exportações e do Produto Interno Bruto (PIB) em até 9% ao ano nesse período (Mendonça, 1996).

Quanto à situação dos trabalhadores urbanos e rurais, a política econômica adotada provocou arrocho salarial e, como consequência, o agravamento das já precárias condições de sobrevivência. Os movimentos de protesto e reivindicatórios eram violentamente reprimidos e os sindicatos ou foram fechados ou sofreram intervenção ou tiveram de se atrelar ao Estado, assumindo funções médico-assistenciais (Silva, 2008).

Conforme Maricato (2000), este período foi denominado como "década perdida", haja vista que o país teve multidões concentradas em determinadas regiões marcadas pela pobreza e as cidades conheceram o fenômeno chamado violência urbana, a qual se disseminou por todas as cidades do Brasil.

Como consequência das mudanças sociais, culturais e econômicas, as cidades, com características de metrópoles, constituíram espaços no qual esta nova população urbana, segundo Pierucci e Prandi (1996, pp. 26)

[...] não tem onde se mostrar, ser visto, ver os demais, relacionar-se fora dos estritos limites do grupo que forma seu espaço de vida privada, a sua intimidade, cujo espaço está reduzido à família nuclear e alguma vizinhança, o que já vai ficando bastante raro.

Não é encontrado mais os velhos espaços de sociabilidade, onde as pessoas se encontravam e se identificavam. As conversões das massas urbanas, nas décadas de 1950 e 1960, sobretudo ao pentecostalismo, espiritismo e à umbanda, se deram com a justificativa de que essa nova população, constituída por migrantes rurais e de pequenas cidades, via nestas religiões uma forma de adaptação à vida nas metrópoles (Pierucci; Prandi, 1996).

As novas expressões religiosas passaram a constituir espaços com a função de suprir o que as cidades, em suas novas configurações, deixaram de proporcionar à população, no âmbito da subjetividade, referências de conduta e espaços de sociabilidade, identidade e reconhecimento.

Além disso, para os que estão em situação econômica desfavorável, a busca pela religião baseia-se na promessa e na esperança de superar o caos diário, o sofrimento, as enfermidades e dar sentido à vida. Já para os indivíduos que pertencem aos grupos mais privilegiados economicamente, o interesse religioso funda-se no fato de terem uma vida correta e perfeita, mas vez por outra acometida por problemas sem justificativas – doenças, brigas familiares, morte (Silva, 2008).

A partir do exposto, consideramos que as possíveis causas do sucesso desse movimento entre diferentes grupos sociais encontram-se na consolidação de uma sociedade urbano-industrial, que redefiniu as estratégias produtivas, remodelou as instituições sociais, transformou as relações sociais e prometeu projetar o indivíduo para a cena principal, ou seja, seria ele quem elaboraria seu modo de ser, pensar e agir independente das tradições familiares, religiosas ou de uma hierarquia institucional (Silva, 2008).

Os indivíduos se moveriam a partir de seus desejos e prazeres, os quais seriam ditados por um mercado repleto de opções para atender a todos. Conforme Bauman (2001, 2001, PP.14), a tarefa hoje é viver o momento presente:

Hoje, os padrões e configurações não são mais ‘dados’, e menos ainda ‘auto-evidentes’; eles são muitos, chocando-se entre si e contradizendo-se em seus comandos conflitantes, de tal forma que todos e cada um foram desprovidos de boa parte de seus poderes de coercitivamente compelir e restringir (Bauman, 2001, 14).

Assim, com o aperfeiçoamento tecnológico, possibilitando a geração de novos produtos com a produção em massa, estimulando o consumismo e a satisfação imediata, com a velocidade das mudanças que se operam nos diferentes campos da vida em sociedade, as relações interpessoais também tornam-se provisórias, imediatas, e com ela, as normas e regras que regem tais relações (Bauman, 2001).

Os valores morais são construídos a partir das relações sociais que se estabelecem em uma dada sociedade, que por sua vez, são determinadas pelas condições materiais de existência. Se essas relações são forjadas tendo em vista os interesses individuais imediatos, os valores e as normas de convivência também serão imediatas e provisórias, visando preferencialmente os interesses e prazeres de cada indivíduo em particular. Enfim, uma “sociedade de consumidores” (Bauman, 2001), onde o consumo é o que determina as relações sociais.

Bauman (2001, pp. 75) salienta que “a infelicidade dos consumidores deriva do excesso e não da falta de escolha.” Estes se questionam e são assombrados pela pergunta: “será que utilizei os meios à minha disposição da melhor maneira possível?”, uma vez que tudo depende somente dele ou dela.

Em tempos em que as “formas” mudam rapidamente (Bauman, 2001, pp. 14), constata-se que a religião tem-se apresentado como uma possibilidade de obter um sentimento de “segurança” e de solidez, porque sua doutrina produz e reproduz princípios e valores cuja mudança se opera de forma lenta e gradual, o que não tem sido verificado no cotidiano das cidades.

E a partir da observação de que o fenômeno religioso vem se disseminando por vários setores da sociedade, surgiu o interesse de verificar se este fenômeno também ocorre no interior da Universidade Estadual de Londrina, e iniciamos nossa investigação pelo Curso de Serviço Social. A seguir, apresentaremos o resultado de alguns dados coletados.

1.3 Os/as estudantes do curso de Serviço Social da Universidade Estadual de Londrina

1.3.1 Perfil socioeconômico

De um total de 241 questionários respondidos pelos estudantes da 1ª à 4ª série do curso de Serviço Social da Universidade Estadual de Londrina, 210 são do sexo feminino (87%). O dado apresentado demonstra que a predominância feminina no curso é uma característica atemporal da profissão, já que desde sua origem constata-se esta realidade.

Verificou-se também a predominância de estudantes com idade entre 22 e 26 anos (46.4%). Entre 27 e 31 anos contabiliza-se 25.7% estudantes; em terceiro lugar, 11.6% dos estudantes estão na faixa etária entre 32 e 36 anos; e 16.7 estão distribuídos entre idades que variam de 18 a 21 anos e acima de 37 anos.

Em relação à ocupação, a maioria (58.5%) declarou ser estudante. Os que possuem uma ocupação destacam-se: vendedor, *call center*, auxiliar administrativo, atendente, telefonista, secretária. Verifica-se que se trata de ocupações que exigem pouca qualificação técnica e baixos salários. De acordo com o levantamento realizado pela Pró-Reitoria de Planejamento (PROPLAN) sobre o “perfil do aluno ingressante” do curso de Serviço Social da UEL (período de 2006 a 2009), 40% dos estudantes possuem renda familiar mensal de 1 até 3 salários mínimos.

1.3.2 Religiosidade dos estudantes do Curso de Serviço Social

Consideramos que pertencer a uma igreja e exercer sua religiosidade é relevante para os estudantes do curso de Serviço Social, já que aproximadamente 80.5% afirmou frequentar algum espaço religioso.

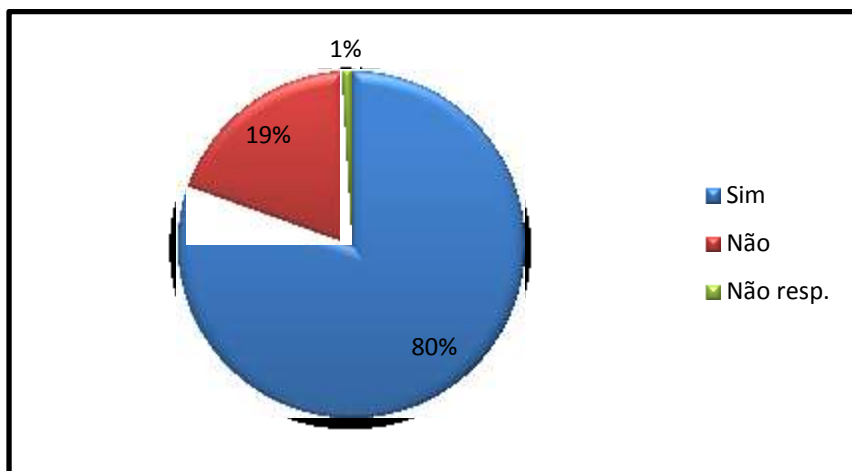


Gráfico 1 - Percentual de estudantes que frequentam espaço religioso. Fonte: Grupo de pesquisa: História, Religião e Sociedade

No que tange à especificação do espaço religioso frequentado pelos estudantes, seguiu-se a tendência verificada pelo Censo de 2010:

Ig. Católica	Igreja Evangélica	Igreja	Centro Espírita	Seicho-No-Ie	Testemunha de Jeová	Dois espaços	Vários Espaços	Não respondeu
41.8%	25.8%	22.7%	5.7%	0.5	0.6%	0.6%	0.6%	2.2%

Quadro 1 - Igrejas frequentadas pelos estudantes. Fonte: Grupo de pesquisa: História, Religião e Sociedade

Em relação aos discentes que responderam o espaço frequentado como “Igreja”, acreditamos tratar-se da Igreja Católica, partindo-se do pressuposto de que geralmente, quando os indivíduos se referem a outras denominações, estas são especificadas.

Pode-se afirmar que a proporção de fiéis nos espaços religiosos apresentados pelos estudantes corresponde à da sociedade de forma geral, pois, segundo o Censo 2010 (IBGE), a Igreja Católica continua majoritária no Brasil, apesar da diminuição de membros nas últimas décadas.

O segmento que apresentou maior aumento no período entre 2000 e 2010 foi os que se declaram evangélicos (Censo 2010, IBGE). 60% se declararam pentecostais; 18.5%, evangélicos de missão; e 21.8% evangélicos não determinados.

1980	6,6%	-
1991	9,0%	+2,4%
2000	15,4%	+ 6,4%
2010	22,2%	+ 6,8%

Quadro 2 - Percentagem de Evangélicos no Brasil. Fonte: IBGE (2012)

Os estudantes que informaram frequentar um espaço religioso também responderam sobre a frequência com que vão a este espaço.

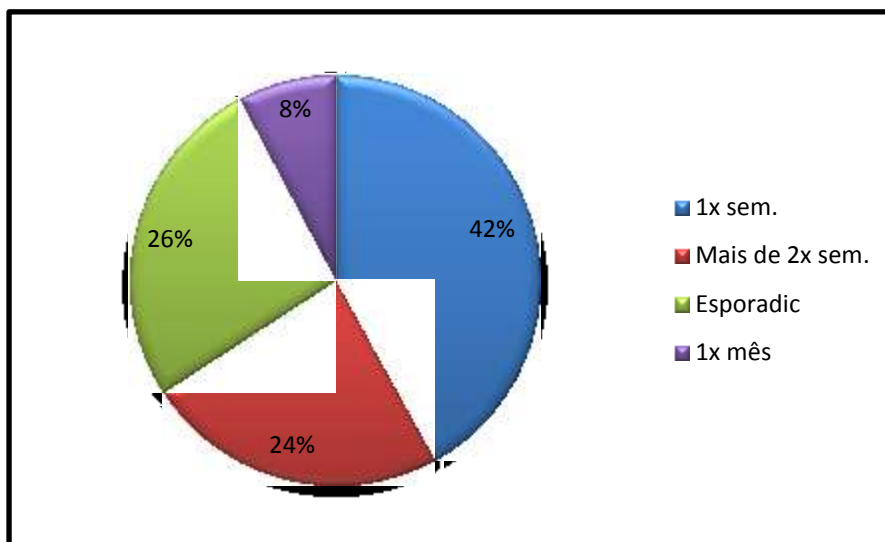


Gráfico 2 - Frequência dos estudantes aos espaços religiosos. Fonte: Grupo de pesquisa: História, Religião e Sociedade

O gráfico revela o quanto os estudantes participam das celebrações e dos serviços ou ministérios da igreja do qual fazem parte. Diante desses dados, acreditamos que a religião tem presença significativa em suas vidas, aceitando e vivendo de acordo com os valores e princípios religiosos, caso contrário, a frequência não seria tão significativa.

Tínhamos por hipótese que a frequência e a participação em algum espaço religioso diminuiriam à medida que o discente avançasse no curso. Porém, tivemos uma surpresa quando comparamos as respostas dos alunos da 1ª com os da 4ª série.

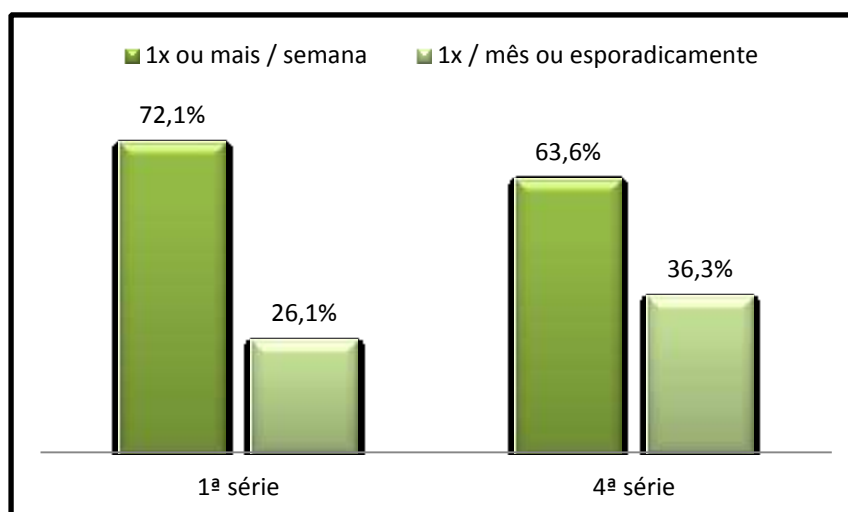


Gráfico 3 - Frequência dos estudantes aos espaços religiosos (comparativo). Fonte: Grupo de pesquisa: História, Religião e Sociedade

Mais uma vez, os dados apresentados evidenciam que a diminuição na frequência semanal e o aumento da frequência esporádica foram pequenos, não obstante a exigência da realização do estágio e da elaboração do trabalho de conclusão de curso. Os números revelam que a religiosidade não arrefeceu, ao contrário, continuou significativamente presente.

Também foi possível observar que aproximadamente 55% dos discentes declararam que sempre participaram de algum espaço religioso. No que se refere aos motivos pelos quais frequentam, tivemos a seguinte resposta:

Tradição Familiar	Conversão	Convite	Outros	Mais de uma resposta
58%	19%	11%	7%	5%

Quadro 3 – Motivo para frequentar espaço religioso. Fonte: Grupo de pesquisa: História, Religião e Sociedade

Diante da identificação de uma cultura religiosa no âmbito familiar, buscamos compreender o significado desta manifestação. Conforme Cuche (2002), a constituição da identidade individual e social traz em si a marca da flexibilidade e da contradição, tendo em vista que o sentimento de identidade é construído socialmente em cada indivíduo, moldado de acordo com cada situação do real vivido, orientando suas ações e possibilitando o ordenamento e o funcionamento da sociedade.

A elaboração da identidade está diretamente relacionada com outros grupos ou comunidades diferente ou antagônica com o qual o indivíduo está permanentemente em contato ou confronto. Ela é apresentada como algo em processo de construção e reconstrução no interior dos grupos sociais, sendo que “cada indivíduo integra, de maneira sintética, a pluralidade das referências identificatórias que estão ligadas à sua história.” (CUCHE, 2002, pp. 195). Portanto, o grupo de origem – neste caso, a família – que detém alguma forma de cultura ou valores religiosos contribui para a construção da identidade de seus membros.

Também indagamos se houve mudanças em suas vidas ao participarem de atividades nos espaços religiosos. Embora a maioria dos estudantes (55%) tenha declarado sempre ter frequentado um espaço religioso, cerca de 70% destes afirmou que houve alterações em suas vidas em razão de se engajarem em ações no referido espaço. Partimos do pressuposto de que as mudanças tenham sido em decorrência de um período de “aceitação” ou conversão religiosa.

Se nos reportarmos ao livro Atos dos Apóstolos e lermos como Saulo se converteu no apóstolo Paulo^v, observamos que o que se deu na vida de Paulo dá-se, *mutatis mutandis*, na vida de quem, marcada por problemas como álcool, drogas, doenças, pobreza ou pelos prazeres e valores do mundo é “tocado pela graça de Deus”, e opera nele uma conversão radical. Todavia, segundo Campos (2002, pp. 93):

[...] o convertido na nova associação religiosa que o acolhe não é um ser totalmente estranho ou uma ‘tábula rasa’, na qual o novo grupo escreve tudo o que quiser. Principalmente porque ele traz consigo elementos da síntese anterior, a qual irá influenciá-lo na reconstrução de novas condutas sociais, nas maneiras de percepção do mundo ou na sua linguagem.

A conversão não significa o rompimento, o abandono definitivo do que se viveu, sentiu e pensou antes da conversão, mas um processo de “rupturas-plenas-de-continuidades” (Campos, 2002, p. 93), com tensões e conflitos para adequar o estilo de vida antigo com o novo modo de pensar e agir.

Contudo, vale lembrar que o conceito de “conversão” muda de acordo com a necessidade ou compromissos assumidos pelos indivíduos; ou seja, a conversão pode possuir diferentes significados de acordo com o problema ou momento que a pessoa esteja vivendo. Este aspecto é evidenciado, por exemplo, no processo de conversão dos fiéis ao pentecostalismo, o qual, segundo Campos (2002, pp. 101), suas denominações possuem uma “forma politicamente mais coerente com as exigências de uma sociedade sob o impacto de uma economia neoliberal.”

Quanto às atividades desenvolvidas na igreja, cerca de 39% afirmou participar de alguma atividade relacionada, que variaram entre grupo de louvor, ministérios e pastorais, totalizando 45 tipos nominados. A participação em grupo de jovens reproduz e reforça as ideias e valores religiosos da denominação que o jovem pertence.

Dos 241 questionários respondidos, 45 estudantes informaram que não participavam mais de igreja (dois não responderam). Perguntamos as razões para não participar mais. O motivo que apresentaram foi: perda de vínculo institucional religioso em razão de mudança de cidade e distanciamento da família de origem, descrença na instituição religiosa (o que não significa a perda da religiosidade), divergências ideológicas e falta de tempo em função das atividades acadêmicas.

Para verificar se houve mudança no que se refere à participação em espaços religiosos ou mesmo em sua religiosidade durante o processo de formação acadêmica, aos estudantes da 1ª série que responderam o questionário no ano de 2009, foi aplicado novamente no ano de 2012, quando estes se encontravam na 4ª série. Constatamos que os discentes que participavam de alguma atividade em 2009, constituíam-se de 48%. Contudo, em 2012 houve redução de 21% na participação.

Não obstante a diminuição da participação em igrejas ou movimentos religiosos, a religiosidade ainda é forte, não sendo afetada pelas questões debatidas na academia, como laicidade, condições materiais de existência que determinam modos de ser e agir de homens e mulheres, e outras questões teóricas.

1.4 Algumas considerações

A religião e a religiosidade se fazem presentes na sociedade de forma que se transformam de acordo com o contexto social, político, econômico e cultural de cada tempo. E, apesar da modernidade e todo o seu aparato científico e tecnológico, a religião tem algo a oferecer, como normas de comportamento e conduta, espaços de sociabilidade, identidade, pertencimento e reconhecimento.

Face aos resultados apresentados, é relevante salientar a necessidade de nós entendermos a presença e da influência da religiosidade dos discentes do curso de Serviço Social e dos demais estudantes universitários, constituídos em sua maioria de jovens. Se superamos, no âmbito da academia, a influência da Doutrina Social da Igreja Católica presente na gênese da profissão, atualmente constatamos a presença de uma religiosidade fundamentada na emoção e na subjetividade. E os discentes do curso não estão isolados e imunes a estas expressões religiosas.

É um tema polêmico que os docentes da universidade evitam debater. Mas, a partir dos resultados de nossa investigação, constatamos que não é mais possível negar a presença e a influência da religião e da religiosidade dos estudantes do curso de Serviço Social, e futuros profissionais. E acreditamos que esta religiosidade está fortemente presente nos demais estudantes universitários!

Não investigamos a religiosidade dos docentes. E aí surgiu-nos uma dúvida: como se expressaria esta religiosidade? Um tema instigante para novas investigações.

Referências Bibliográficas

Bauman, Zygmunt (2001). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar.

Campos, Leonildo Silveira (jan./jan. 2002). Pentecostalismo, conversão e construção de laços sociais no Brasil. *Estudos de Religião*, ano 16, n. 22, (pp. 85-109).

Cuche, Denys (2002). *A noção de cultura nas ciências sociais*. 2 ed. Bauru: EDUSC.

IBGE. *Censo Demográfico 2010 - Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência*. Disponível em <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: set./2012.

Novo Mapa das Religiões. In <http://www.cps.fgv.br/cps/religiao/>

Mariano, Ricardo (1999). *Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola.

Maricato, Ermínia (2000). *Urbanismo na periferia do mundo globalizado: metrópoles brasileiras. São Paulo Em Perspectiva [online]*, v.14, n.4, (pp. 21-33).

Mendonça, S. R.; Fontes, V. M (1996). *História do Brasil recente: 1964 - 1992*. 4 ed. São Paulo: Ed. Ática.

Pierucci, Antônio Flávio; Prandi, Reginaldo (1996). *A realidade social das religiões no Brasil: religião, sociedade e política*. São Paulo: HUCITEC.

Silva, Claudia Neves da (2008). *As ações assistenciais promovidas pelas igrejas pentecostais no Município de Londrina (1970 – 1990)*. 181 p. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de História, Universidade Estadual Paulista, Assis: SP.

Silva, Valéria (2008). Modernidade e Identidade: aspectos de uma crise. *Serviço Social e Contemporaneidade*. Piauí, n. 6, (pp. 9-27).

Simões, Pedro (2005). *Assistentes sociais e religião: um estudo Brasil / Inglaterra*. São Paulo: Cortez.

ⁱEste artigo é resultado parcial de uma pesquisa que vem sendo desenvolvida desde o ano de 2008 no Departamento de Serviço Social da Universidade Estadual de Londrina (UEL): “Manifestações culturais contemporâneas: religião, religiosidade e juventude no movimento pentecostal”. As análises dos resultados também fizeram parte do trabalho de conclusão de curso de Vanessa Tiemi Mori: “A presença da religiosidade entre os estudantes do curso de serviço social da Universidade Estadual de Londrina” (2012). O trabalho foi orientado pela professora Claudia Neves da Silva.

ⁱⁱ Para maior compreensão deste tema, sugerimos: Sanchis, P. O repto pentecostal à cultura católico-brasileira. In: Antoniazzi, A. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 34-63.

ⁱⁱⁱ“Campanha de Dilma planeja reconquistar evangélicos e católicos para o segundo turno” (<http://oglobo.globo.com/eleicoes-2010/campanha-de-dilma-planeja-reconquistar-evangelicos-catolicos-para-segundo-turno-4986324>); “Pastor Marco Feliciano assume Comissão de Direitos Humanos” (<http://oglobo.globo.com/pais/pastor-marco-feliciano-assume-comissao-de-direitos-humanos-7767447>)

^{iv} Para maior detalhamento deste período sugerimos: Barros, E. L. *O Brasil de 1945 a 1964*. São Paulo: Contexto, 1999. (Repensando a História); Benevides, M.V.M. *O governo Kubitschek: desenvolvimento econômico e estabilidade política*. 3ª ed. Rio de Janeiro: paz e Terra, 1978; Cardoso, M. L. *Ideologia do desenvolvimento. Brasil: JK - JQ*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978; Vieira, E. *Estado e miséria social no Brasil: de Getúlio a Geisel*. 3ª. São Paulo: Cortez, 1987; Fausto, Boris (org.). *O Brasil Republicano: Economia e Cultura (1930 – 1964)*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 1995. (vários artigos).

^v Bíblia Sagrada. Ato dos Apóstolos, capítulo 9, versículos 1 a 9.